

Falar mal da vida alheia

A evolução da humanidade se faz por meio da mudança de nível vibratório, passando-se de impulsos primitivos para um estado de harmonia entre conhecimento e amor

Sylvia dava aulas e treinamentos em empresas há muito tempo. Agora, expositora voluntária no centro espírita onde se equilibrava, estava grata e feliz em poder retribuir um pouco do imenso bem que a Doutrina lhe fizera. Era a quarta expositora de sua nova equipe. Logo de início Sylvia se fez querida pelos alunos, que achavam suas aulas estimulantes. Sabia falar de modo sintético e, quando necessário, de improviso.

Um detalhe: assim que terminava a aula e a turma saía da classe, Sylvia ia para o escritório trabalhar. Sustentava a família com sua profissão. Conseguira abrir um espaço para aquele trabalho voluntário, compensando em outros dias aquela preciosa brecha.

No final do ano, a dolorosa surpresa: a diretora de Ensino chamou-a em seu gabinete durante a festa de encerramento que os alunos organizaram na classe. Disse que as colegas diziam que Sylvia saía rapidamente do centro e nunca ia com elas conversar e tomar um cafezinho na confeitaria ao lado. Afirmavam que Sylvia não preparava as aulas que dava, pois nem sequer lia

o que escrevia nas fichas. Que uma vez até atendera o celular na classe.

A diretora revelou que a coordenadora queixava-se de Sylvia desde o começo do ano. Dissera-lhe que conversassem, o que nunca aconteceu. Neste dia, apresentara-lhe por escrito queixa de dois alunos: Sylvia os teria “tratado com arrogância”. Naquele centro, isso era critério para substituição de expositores.

Sylvia sequer desconfiava de que era rejeitada e mal falada por sua coordenação. Triste com a injustiça e maldade de que fora alvo, solicitou mudança de período e de curso.

Como é difícil evitar a maledicência! Mesmo pessoas que se esforçam em adquirir os “olhos bons” para ver a vida, falam para outros de falhas e ações de alguém que as incomoda. Este tem qualidades negativas bárbaras, que “precisam ser conhecidas”. Alerta-se sobre o perigo que a pessoa “alvo” representa. Veladamente, se diz:

- “É preciso afastá-la!”

Emitem vibrações negativas, esquecidos do que

aprenderam com Jesus... Será que apreciariam estar no lugar daquela pessoa? Estão seguindo a norma de fazer aos outros todo o bem que gostariam que fosse feito para si?!

O povo diz que quem aponta um dedo para acusar alguém, tem quatro dedos apontados para si. Jesus foi bem mais severo quanto a esse assunto. O Mestre disse: - “Não julgueis para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós”.

- “Por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho?”.

- “Ou, como dirás a teu irmão: - Deixa-me tirar o argueiro do teu olho – estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão”.¹

Subitamente o fofoqueiro passa a ser o virtuoso dono da verdade absoluta:

- “Não, imagine, não estou julgando ninguém, só passo para frente o que ouvi, ou conto o que a pessoa fez, para alertar os amigos e não prejudicar a instituição!”.

- “Isso não é maledicência!”.

Hummm... Não, mesmo?

A evolução da humanidade se faz com a mudança de nível vibratório, passando-se de impulsos primitivos para um estado de harmonia entre conhecimento e amor. Cada pessoa que aprimora seus pensamentos e sentimentos é agente desse progresso.

Prestemos atenção no tom emocional de nossos pensamentos e palavras quando acusamos ou condenamos alguém: ele é duro, ávido, revoltado, carente de amor e de paz, mesmo quando dulcificamos as palavras e suavizamos a expressão do rosto. Podemos iludir outros: não enganaremos, porém, a própria consciência.

Jesus chama “hipócrita” quem se arvora em impiedoso juiz do próximo. A verdadeira sabedoria tem compreensão, compaixão e assume a própria responsabilidade.

Sob a maledicência há um poderoso mecanismo de comportamento – “Projeção” – usado como defesa. De algum modo a pessoa “alvo” interferiu com a satisfação das necessidades de amor, atenção, prestígio ou autorrealização do fofoqueiro. O “alvo” representa ameaça ao seu conceito de si mesmo, provocando-lhe insegurança e ansiedade no mundo interior.

Deslocar ou jogar sobre essa incômoda pessoa a causa dos próprios medos e fantasmas é o cerne do mecanismo de defesa “Projeção”.

Perceber falhas em si desperta ansiedade. Dessa ansiedade é preciso livrar-se de algum modo para preservar a autoimagem. “Projeção” alivia ansiedade com eficiência e permite continuidade e acomodação.

- “O outro é errado, o outro é culpado, tudo de ruim, inadequado!”.

- “Porque ele me incomoda...”

A estória de Sylvia não é um fato isolado. É apenas uma entre muitas nos centros espíritas.

O trabalho voluntário é com frequência utilizado como meio de autoafirmação, realce, exercício de autoridade. Em vez de buscar progresso na vida pessoal e profissional

por estudo e esforço, pessoas acomodadas e não realizadas em suas vidas conquistam essas coisas de modo fácil no trabalho voluntário. Muitas apresentam comportamento político falsamente interessado no próximo. Fazem graça, falam com suposta leveza sobre outros, veiculam estórias e fofocas de colegas com grande facilidade. Rodeiam-se de admiradores e bajuladores, tornando-se líderes em muitos centros. Estão construindo sua corte, buscando realce para si próprias. São “cegos guiando cegos”, como diz Jesus.² É muito importante conhecer e compreender as características de nosso modo de ser atual.

Somente a partir dessa percepção podem surgir escolhas livres e éticas de como agir. Além disso, faz parte da evolução da personalidade humana responsabilizar-se pelos próprios sentimentos, pensamentos e ações. Estudar, trabalhar, analisar-se buscando arar o próprio solo íntimo é tarefa primordial de cada ser humano que procure aprimorar-se. Só dessa maneira é que se pode tirar dos olhos a “trave”.

Quando alguém nos irrita ou incomoda, prestemos atenção: esse alguém está sinalizando características nossas ou crenças com as quais estamos acomodados e fugimos de conscientizar. Em vez de julgá-lo, condená-lo e vibrar mal contra ele, é preciso buscar auxílio do grande Justo que pisou nosso planeta... Talvez seja a Providência Divina auxiliando-nos a localizar em nós o que falta!

Sentimos incômodo ou inveja? Estamos acomodados, fazendo menos do que podemos fazer por nós ou pelo mundo... Desprezamos? Podemos contatar os próprios impulsos ou desejos proibidos... Sair da acomodação em um autoconceito negativo pede esforço: trabalho, estudo, e, muitas vezes, psicoterapia.

Autoafirmação por meio do trabalho voluntário, vestindo “capas de santos” enquanto se fala mal da vida alheia, é péssima escolha à luz da Espiritualidade Maior. Para finalizar, ouçamos o professor Emmanuel:

- “Maldizer é afastar e destruir, ao invés de unir e melhorar, acabando semelhante atitude por transformar-se no método infeliz de gerar obstáculos e deteriorar relações... Não existem criaturas nas quais não consigamos identificar o lado nobre, o ângulo mais claro, o tópicos da esperança ou a boa parte... Condenar será sempre o melhor processo de perder”.³

Referências bibliográficas

¹ Mateus, 7:1-5. Novo Testamento

² Lucas, 6:39. Novo Testamento

³ Xavier, F. C. – Instrumentos do Tempo - Ed. GEE, S. B. do Campo, 1976, 3ª Ed, p. 38 e 39

Profª Drª Maria Regina Ramos de Andrade Psicóloga Clínica e Escolar, Professora da Faculdade de Educação (USP), Expositora no curso de Educação Evangélica na Seara Bendita, Expositora no Grupo Espírita Casa do Caminho e trabalhadora no Grupo Noel.

Coordenadora da coluna Maria Alice Diomedea

